

A HIGIENE DAS MÃOS COMO FATOR IMPORTANTE NA PREVENÇÃO DE IRAS

Bruna Gomes Alves Rocha¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo geral fortalecer a importância da lavagem das mãos e, como objetivos específicos, elencar algumas dificuldades que podem prejudicar essa ação de prevenção e elucidar formas de resolução. Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica quantitativa. Embora a higienização das mãos seja um procedimento simples e até habitual, a falta de conhecimento/informação sobre os riscos de não a realizar, aliada à negligência profissional, são fatores que podem e devem ser sanados e resolvidos. Na contemporaneidade, as IRAS são consideradas um grande desafio aos órgãos de saúde responsáveis, pois além de acometer pacientes, ameaçam também todos aqueles envolvidos no processo saúde-doença.

PALAVRAS-CHAVE: Higiene das mãos. Profilaxia. Prevenção.

HAND HYGIENE AS AN IMPORTANT FACTOR IN THE PREVENTION OF IRAS

ABSTRACT: The present article has the general objective to strengthen the importance of hand washing and as specific objectives among them: to list some difficulties that can harm this prevention action and to elucidate ways of resolution. This is a quantitative literature review study. Although hand hygiene is a simple and even common procedure, the lack of knowledge/information about the risks of not performing it, combined with professional negligence, are factors that can and should be remedied and resolved. In contemporary times, HAIs are considered a great challenge to the responsible health agencies, because in addition to affecting patients, they also threaten all those involved in the health-disease process.

KEYWORDS: Hand hygiene. Prophylaxis. Prevention.

1. INTRODUÇÃO

A higiene das mãos é uma ação eficiente. Acredita-se que todos os profissionais da saúde são esclarecidos sobre a importância da lavagem adequada das mãos, respeitando as técnicas, nos muitos procedimentos que se realiza no ambiente de trabalho. Consta-se como uma das práticas mais eficazes na redução das infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS), pois interrompe a cadeia de transmissão de microrganismos que são transportados pelas mãos destes colaboradores e de baixo custo para as instituições.

Na contemporaneidade, as IRAS são consideradas um grande desafio aos órgãos de saúde responsáveis, pois além de acometer pacientes, ameaçam também todos aqueles envolvidos no processo saúde-doença. Reflete também um problema de ordem social, ética e

¹Pós-graduada em Controle de Infecção Hospitalar e Estomaterapia. Enfermeira. E-mail: enf.brunarocha@outlook.com.

jurídica em razão do impacto na vida dos usuários e do risco ao qual estão submetidos, acarretando aumento no tempo de internação, resistência antimicrobiana aumentada, alto custo para o sistema de saúde, clientes, parentas e ainda altas taxas de mortalidade (SOUZA et al., 2008; PRIMO et al., 2010).

Considera-se a higiene das mãos como a prática mais eficaz por diminuir de forma importante a disseminação das IRAS, porém, para conseguir resultados benéficos, devem ser seguidos três princípios essenciais para esta ação: produtos (sabão ou sabonete), procedimento adequado (com técnica apropriada e no prazo preconizado) e adesão regular ao seu uso, ou seja, nos momentos apropriados, que compreende antes do contato com o paciente; antes de realizar procedimentos; após risco de exposição a secreções ou a área contaminada; após contato com o paciente; após contato com as áreas próximas ao paciente (BRASIL, 2007).

Entende-se que as mãos são consideradas o principal meio de transmissão de patógenos, mas também a forma mais simples de se controlar e prevenir as infecções. Tendo em vista a relevância do assunto na atualidade, este artigo tem como objetivo geral fortalecer a importância da lavagem das mãos; e como objetivos específicos: elencar algumas dificuldades que podem prejudicar essa ação de prevenção e elucidar formas de resolução. Entende-se como um tema de extrema importância, considerando o contexto pandêmico atual de doenças transmissíveis.

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica quantitativa. Foram pesquisados artigos científicos indexados em Revistas Eletrônicas Nacionais e Internacionais, BVS, Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e materiais disponibilizados em plataformas online do Ministério da Saúde. Após realizar a leitura analítica dos resumos, foram selecionados nove artigos científicos publicados, a fim de realizar análise dos dados encontrados e cruzar informações que contribuam para exploração do tema.

2. DESENVOLVIMENTO

Indubitavelmente, as mãos dos profissionais de saúde, em especial da equipe de enfermagem, pelo fato de manterem contato habitual com o paciente, são fontes e veículo de disseminação de patógenos. Abordando a relevância do assunto no contexto da prevenção de infecções relacionadas a assistência à saúde (IRAS), nota-se, por meio de uma pesquisa realizada com 48 profissionais de saúde de diferentes áreas e que atuavam em um hospital privado de Itumbiara, estado de Goiás, que a contagem da microbiota das mãos dos

profissionais da equipe de enfermagem durante a atividade laboral possuía alto índice de contaminação, inclusive de microrganismos multirresistentes (PRIMO, et al., 2010).

Diante disso, apesar das inúmeras evidências científicas e das resoluções legais em vigência no país, números apontam que grande parte dos profissionais que prestam assistência à saúde não adotam as recomendações mencionadas. Dentre as justificativas, constam o esquecimento, a falta de tempo, a distância da pia/lavabo, a irritação da pele, bem como a falta de informações sobre o impacto da higienização das mãos nas taxas das IRAS (OLIVEIRA AC, et al., 2010).

Diante do contexto pandêmico atual, em que o uso das luvas virou rotina durante todo o plantão, nota-se uma falsa sensação de segurança pela parte do profissional em estar utilizando as luvas, por esta razão, acredita-se não precisar higienizar as mãos a cada procedimento realizado.

Embora a higienização das mãos seja um procedimento simples e até habitual, a falta de conhecimento/informação sobre os riscos de não a realizar, aliada à negligência profissional, são fatores que podem e devem ser sanados e resolvidos, quer seja por meio de ações de educação em saúde ou por meio de fiscalização dentro da unidade. Fatos que corroboram para concluirmos que a higienização das mãos é a medida mais importante para o controle de infecção cruzada.

Há muitos anos essa informação tem sido divulgada entre os profissionais da saúde. Contudo, no que se refere à rota de transmissão cruzada, novamente se observou que os profissionais com maior tempo de atuação demonstraram menor nível de conhecimento do que os demais profissionais da equipe, denotando a importância da implantação de um processo de educação permanente nas instituições de saúde, com a finalidade de manter a equipe constantemente atualizada sobre as rotinas e procedimentos necessários ao desempenho de suas funções (DERHUN, 2016).

Nessa perspectiva, destaca-se que o enfermeiro, como líder da equipe de enfermagem, deve orientar e monitorar as práticas de higiene das mãos seja da equipe de saúde, dos pacientes e também dos familiares, mas se o seu conhecimento for limitado, o procedimento tende a ser ignorado e/ou equivocado por todos. Para minimizar esse tipo de situação, sugere-se que os enfermeiros se apropriem das orientações pertinentes à higienização das mãos e as realizem corretamente, em consonância com o que é preconizado pelos órgãos oficiais.

Em estudo feito por LLapa-Rodríguez et al. (2018), a taxa de aderência dos profissionais da saúde, sendo enfermeiros, técnicos e auxiliares, fisioterapeutas, médicos e outros que trabalhavam em um hospital de oncologia pediátrico e adultos, em Recife, foi de

apenas 29%, o que foi classificada como indesejável ou sofrível. A pesquisa também considerou as oportunidades de observação da HM nos cinco momentos preconizadas pela OMS que foram executadas pelas equipes multidisciplinares, e os resultados também deixaram a desejar quanto à adesão à técnica em todos os momentos indicados. Houve maior adesão após contato com fluídos corporais, o que demonstra a precaução própria aos riscos, mas não exclui e nem substitui a falta de adesão a HM nos demais momentos, visto que os riscos de adquirir e transmitir infecções abrangem o contato direto e indireto com o paciente e seu ambiente.

Um índice maior de HM após o procedimento direto com os pacientes e com seus fluídos corporais também foi encontrado em estudo de Zottele et al. (2017), em que observaram “haver uma banalização quanto à importância da oferta de um cuidado seguro ao paciente, no sentido de ser observada a HM em todos os momentos preconizados pela OMS.”

Outros estudos demonstraram índices de adesão a HM abaixo do esperado, como Silva et al. (2018), onde de 165 observações, apenas 22 (13%) alcançaram o padrão ouro, que constitui a HM utilizando a técnica correta nos momentos corretos. A pesquisa feita por Oliveira et al. (2017) em um hospital universitário público de Belo Horizonte, com 57 profissionais da UTI adulto, apesar de mais de 90% dos participantes terem conhecimento do impacto das IRAS na evolução clínica do paciente e conhecerem a importância da HM para a diminuição dessas infecções, a taxa de observação reportada não passou de 19%.

Foram observados, em estudo de Korb et al. (2019), que a maioria dos profissionais avaliados preferem a fricção das mãos com preparação alcoólica (antisepsia) por ser mais rápido do que higienizá-las com água e sabonete. Já no trabalho de Oliveira & Pinto (2018), 78% destacam a preferência por higienizar as mãos com água e sabonete. O estudo de Derhun et al. (2018) avaliou o conhecimento de 27 profissionais de enfermagem a respeito da fricção antisséptica das mãos com preparação alcoólica. No hospital do estudo, é disponível a preparação alcoólica além de treinamento aos profissionais, porém, os resultados foram preocupantes, pois somente um enfermeiro conhecia na íntegra as recomendações para a realização correta da fricção antisséptica das mãos com preparação alcoólica. Ainda, apenas cinco participantes acertaram a questão que indagava sobre o tempo mínimo necessário para a preparação alcoólica destruir a maioria dos microrganismos existentes nas mãos, que deve ser, de acordo com indicações do Ministério da Saúde em 2013, de 20 a 30 segundos para eliminação eficiente de microrganismos.

É importante frisar que a antisepsia deve ser realizada com as mãos visivelmente limpas, já que a matéria orgânica e sujeira presente na pele interfere na ação eficaz do álcool. Além disso, preparação alcoólica resseca as mãos, o que influencia na adesão dos profissionais

a HM. Pode-se entender, com esses resultados, que, de maneira geral, os profissionais não reconhecem as indicações e a ação dos tipos de HM, quando e como aderir a um tipo ou outro dependendo do trabalho com o paciente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados neste artigo, diversos são os fatores que corroboram para o entendimento de que a higiene das mãos é uma maneira simples e eficiente no quesito prevenção de infecções relacionadas à assistência à saúde e à transmissão de inúmeras doenças. Diante disso, algumas dificuldades foram mencionadas nos artigos estudados, como a difícil adesão por parte dos profissionais de saúde, que apesar de saberem da importância desta ação, continuam a negligenciar tal cuidado. É indiscutível a necessidade de supervisão da equipe pelo enfermeiro responsável, para que a adesão tenha êxito e que haja exemplo pelos superiores.

Sendo assim, destacam-se nos artigos publicados: serviços de saúde com poucos recursos, superlotados, infraestrutura inadequada; pias mal localizadas; uso de luvas; desmotivação; carga de trabalho; estresse; falta de conhecimento sobre o protocolo de higienização das mãos; falta de exemplo positivo de seus superiores; maus hábitos; esquecimento; irritação e sensibilidade na pele causadas pelo uso dos produtos (ZOTTELE, et al, 2017).

No entanto, a adesão dos profissionais de saúde às práticas de HM ainda é uma rotina diária baixa, devendo ser incentivada para tornar os trabalhadores interessados sobre a importância desse hábito.

Isto posto, torna-se fundamental reestruturar essas técnicas nos serviços de saúde, na expectativa de modificar a cultura influente, de forma a complementar e aderir à higienização das mãos.

Por fim, é importante desenvolver práticas aos trabalhadores para o aperfeiçoamento de suas habilidades profissionais, para manter a equipe em um constante processo educativo, aprimorando a melhora na assistência prestada à sociedade, pois se trata de práticas rotineiras e todos devem estar conscientes da relevância desses critérios para atestar a segurança e a qualidade do cuidado prestado.

4. REFERÊNCIAS

BRASIL, AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Relatório de Atividades da Anvisa** – Brasília, 2007. Disponível em:

<<http://portal.anvisa.gov.br/documents/281258/2742545/Relat%C3%B3rio+de+atividades+2007.pdf/2e5ceb76-aec-4802-8711-d75e85ce4935>>. Acesso em: 10 set. 2021.

DERHUN, Flávia Maria; SOUZA, Verusca Soares de; COSTA, Maria Antônia Ramos; INOUE, Kelly Cristina; MATSUDA, Laura Misue. Conhecimento de profissionais de enfermagem sobre higienização das mãos. **Cogitare Enfermagem**, [S.l.], v. 21, n. 3, set. 2016. ISSN 2176-9133. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/45588>>. Acesso em: 13 set. 2021.

KORB, Jaqueline Picolli; JEZEWSKI, Goretti; AOZANE, Fabiele; FELDHAUS, Carine; KOLANKIEWICZ, Adriane Cristina Bernat; LORO, Marli Maria. Conhecimento Sobre Higienização das Mãos na Perspectiva de Profissionais de Enfermagem em um Pronto Atendimento. **Rev. Fund Care Online**, v. 11, p. 517-523, 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i2.517-523>>. Acesso em: 12 set. 2021.

OLIVEIRA, Adriana Cristina de; PINTO, Selma de Almeida. Patient participation in hand hygiene among health professionals. **Revista Brasileira de Enfermagem** [online]. 2018, v. 71, n. 2 [Acessado 15 Março 2022], pp. 259-264. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0124>>. ISSN 1984-0446. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0124>.

OLIVEIRA, Adriana Cristina; PAULA, Adriana Oliveira de; GAMA, Camila Sarmento. Monitorização da higienização das mãos: observação direta versus taxa autorreportada. **Revista eletrônica trimestral da enfermagem**, n. 48, outubro, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.6018/global.16.4.277861>>. Acesso em: 09 set. 2021.

PRIMO, Mariusa Gomes Borges; RIBEIRO, Luana Cássia Miranda; FIGUEIREDO, Lany Franciely da Silva; SIRICO, Suely Cunha Albernaz; SOUZA, Marta Antunes de. Adesão à prática de higienização das mãos por profissionais de saúde de um Hospital Universitário. **Rev. Eletr. Enf.**, v. 12, n. 2, p. 266-271, Goiânia- GO, 2010. Disponível em: <<https://www.fen.ufg.br/revista/v12/n2/v12n2a06.htm>>. Acesso em: 12 set. 2021.

SOUZA, Cristina Maria Miranda de; ALVES, Maria do Socorro da Costa Feitoza; MOURA, Maria Eliete Batista; SILVA, Antonia Oliveira. Os direitos dos usuários da saúde em casos de infecção hospitalar. **Rev. Bras Enferm.**, v. 61, n. 4, p. 411-417, Brasília-DF, jul-ago, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672008000400002>. Acesso em: 10 set. 2021.

ZOTTELE, Caroline; MAGNAGO, Tania Solange Bosi de Souza; DULLIUS, Angela Isabel dos Santos; KOLANKIEWICZ, Adriane Cristina Bernat; ONGARO, Juliana Dal. Adesão dos profissionais sanitários à higienização dos manos no serviço de urgências. **Rev. Esc Enferm USP**, v.51, p. 01-08, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v51/pt_1980-220X-reeusp-51-e03242.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.